



Palavra do mestre

Jornal Capoearte

Ano X – Outubro – 2013

O negro brasileiro nas telas

Contra mestre De Paula



Para falar do negro no cinema brasileiro iremos retornar em 1901 com a Dança Baiana e Dança dos Capoeiras em 1905.

E O CINEMA | O NEGRO NA BELA ÉPOCA DO CINEMA BRASILEIRO

– 1905 (capítulo Os cordões) e na já citada reportagem Os livres acampamentos da miséria. Note-se que a primeira música registrada oficialmente como samba numa gravação fonográfica foi o célebre Pelo telefone de Donga e Mauro de Almeida, em 1916.

Essas atividades tão dinâmicas não aparecem refletidas nos filmes realizados no período, conforme os levantamentos realizados pelos mais ilustres pesquisadores. O fato é muito significativo, por ser este numericamente um dos períodos mais prolíficos do cinema brasileiro, chamado pelo pesquisador Vicente de Paula Ribeiro de sua “bela época”.

No gênero documentário encontramos os títulos Dança baiana – 1901, e Dança de capoeiras – 1905; três filmetes com o célebre cancionista Eduardo das Neves (O pronto e Sangue espanhol de 1909, Pierrot e colombina de 1916); seis reportagens sobre a Revolta da Chibata de 1910; e mais um misterioso e não identificado Família de colonos africanos em uma fazenda, do mesmo ano. Não foram encontrados, nem em noticiários filmados, imagens dos mais notáveis negros e mulatos da nossa tardia Belle-époque: os flautistas Patápio Silva e Pixinguinha; os escritores Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto; o professor e deputado baiano Manuel Querino; o médico Juliano Moreira; o advogado socialista Evaristo de Moraes.

O cinema não foi menos generoso com o Malandro que as outras artes. Em 1908, o pioneiro Antonio Leal realizou Os capadócios da Cidade Nova, que, segundo a propaganda, incluía “seresteiros, capoeiras e malandros”. Em 1917, A quadrilha do Esqueleto anunciava “usos e costumes da malandragem” e atores não-profissionais. É de supor que houvesse negros e mulatos nesses filmes, que, infelizmente, não chegaram aos nossos dias. Foram filmadas duas adaptações de O cortiço (1945 e 1978), ambas bem cuidadas e bastante fiéis ao romance (um painel naturalista das classes sociais do século 19).

Uma resenha do livro

'O negro brasileiro e o cinema' retrata a posição do negro na produção nacional cinematográfica nacional - sua atuação na frente e por trás das câmeras. O livro registra uma triste realidade o papel do negro está sempre ligado às suas raízes de escravo. Escravo do segundo plano, ao receber quase sempre papéis secundários, com pouca relevância e destaque, ou condenado a representar arquétipos caricaturais - preto velho, negro de alma branca, nobre selvagem, malandro, favelado, crioulo doido, mulata boazuda, entre outros; escravo de uma condição social que dificulta o acesso ao estudo e à cultura e afunila suas chances de atuar na direção/produção nacional de filmes; escravo de sua cor de pele que é usada contra ele próprio, como sinônimo de inferioridade e de submissão; escravo de uma posição tímida da própria comunidade que ainda não tem consciência da importância de unir forças para exigir uma mudança no tratamento da sua imagem pela mídia e pelo cinema brasileiro.